

A AVENTURA DE DESCOBRIR A VIDA

TERRA da gente

www.terra.dagente.com.br

ANO 8 NÚMERO 90 | OUTUBRO DE 2011

RIO E SÃO PAULO
UNIDOS PELO PARAÍSO



MACACOS POLÍTICOS

Eles também trocam favores para manter poder e status social

A VOLTA DOS SELVAGENS

Lobos, lincos, falcões e outros selvagens retornam à Alemanha

SABOR AFRICANO

Fruta que mata a fome na África ainda é um mistério no Brasil

BONITINHO E FERROZ

Os "primos selvagens" dos nossos gatinhos domésticos perdem espaço nos biomas devastados e correm riscos



Selvagens em casa

As aparências enganam: esses gatinhos selvagens são bravos, sim, e atacam se acudados. As poucas espécies que podem ser domesticadas não perdem a natureza selvagem. O bichano caseiro, por sua vez, transforma-se num "gato feral" se voltar à vida selvagem. Do gatinho de casa ao leão e tigre, os hábitos dos felinos em geral são bem parecidos - afinal, todos são da mesma família Felidae. Os domésticos ainda caçam sempre que podem.

FOTOS: LUIS CLAUDIO MARIQO



Gato-maracajá (*Leopardus wiedii*)

selvagem foi um dos resultados do projeto Gatos do Mato - Brasil, que recebeu o apoio financeiro do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA). Pelo menos entre os cientistas, conquistou popularidade. Como predadores do topo da cadeia alimentar, os pequenos felinos têm importante papel no equilíbrio ecológico pois exercem pressão e controle sobre as populações de suas presas, entre elas os roedores que atacam as plantações. O conhecimento que ajuda na conservação dos chamados "gatos do mato" interessa, portanto, ao ecossistema e ao próprio homem.

O trabalho coordenado pelo biólogo Tadeu Gomes de Oliveira, da Universidade Estadual do Maranhão e do Instituto Pró-Carnívoros, começou em julho de 2004, quando pouco se sabia sobre estas espécies. Nas diversas fases, o projeto envolveu mais de 20 pesquisadores de 12 instituições e dezenas de estagiários. Os cientistas monitoram as seis espécies de pequenos

felinos. Nas investidas pelas matas, os pesquisadores colocam armadilhas fotográficas que registram flagrantes dos animais de hábitos noturnos e revelam informações populacionais importantes. Também entram em ação as armadilhas tradicionais que capturam os bichos para a colocação de rádios-colares, equipamentos que monitoram os felinos depois de soltos e fornecem o levantamento dos que vivem numa determinada área.

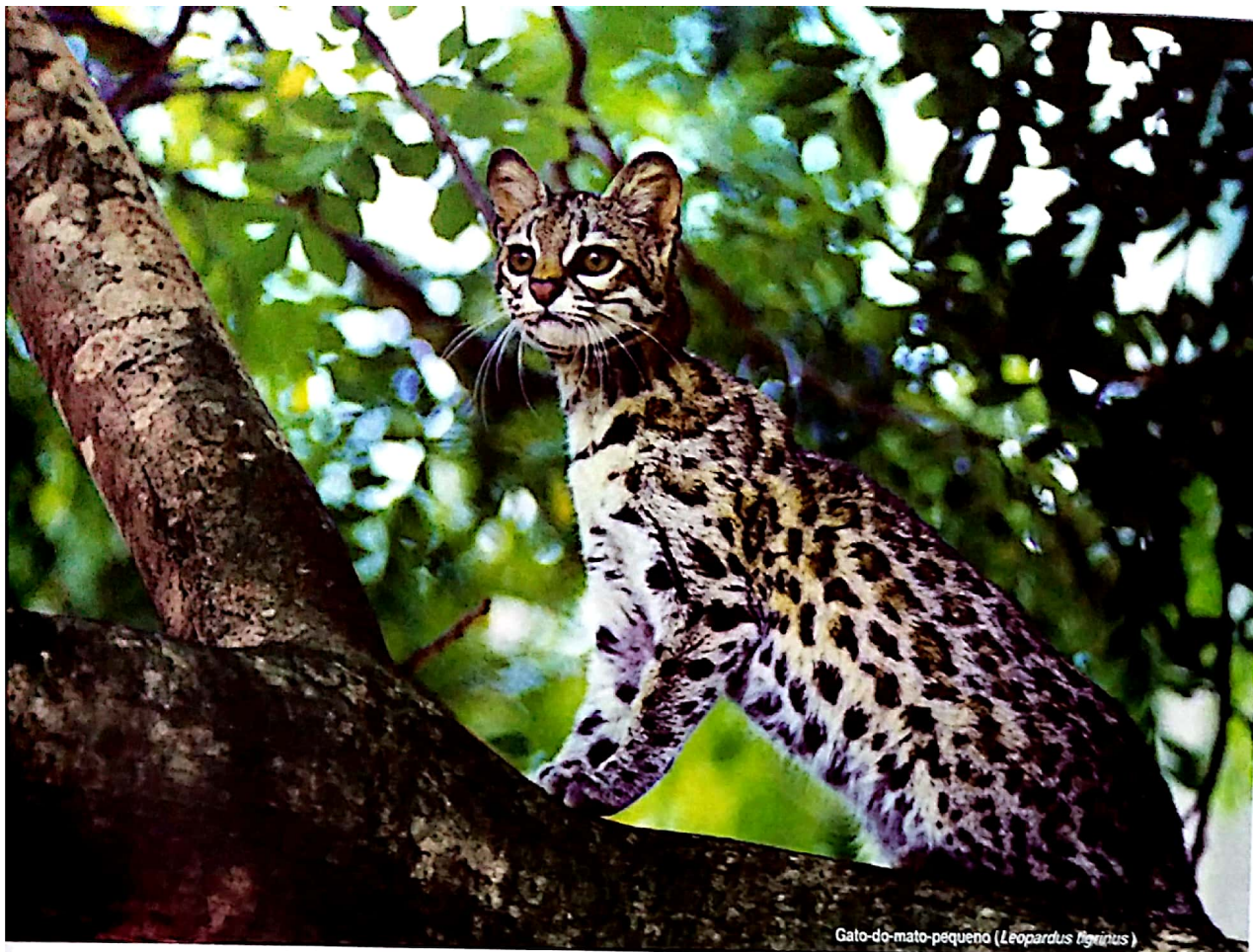
O biólogo destaca a grande contribuição dos estudos do ponto de vista prático da conservação. Os dados serviram de base para a mudança do status mundial de duas espécies brasileiras na lista de ameaçadas de extinção da IUCN. Além do gato-do-mato, que entrou na categoria "vulnerável", o gato-maracajá passou da categoria "fora de perigo" para "quase ameaçada", a mesma da onça-pintada na lista mundial. O gato-mourisco por pouco não entrou na categoria "quase ameaçada".

CONHECIDOS

Gato-maracajá (acima e na pág. 14), gato-do-mato-pequeno (alto, à dir.) e a jaguatirica (pág. 15): Agora a ciência sabe mais sobre os nossos pequenos e médios felinos

O gato e o rato

Os egípcios, em 400 a.C., ou os médio-orientais, em 8000 a.C., teriam sido os primeiros domesticadores do gato. Os ratos faziam a festa atacando as lavouras e as sementes armazenadas. Por sua vez, os roedores eram um banquete para os felinos que se aproximavam das aldeias. Daí, o homem percebeu a conveniência de manter o gato sempre por perto. Uma união que dura até hoje – com ou sem rato pela casa.



Gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*)

e a jaguatirica foi de fato confirmada como “fora de perigo”, inclusive por ser o felino mais encontrado no Brasil.

Os trabalhos continuam em pontos de dois extremos do País: na Fazenda Tamanduá, na região de Patos, onde estão sendo feitos monitoramentos na caatinga do sertão paraibano; no Parque Estadual do Mirador, no Cerrado do Maranhão, na Ilha de São Luís; e na Floresta Nacional de São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul.

Uma nova teoria ecológica surgiu com o projeto e foi bem recebida pela comunidade internacional num congresso sobre felinos realizado na Inglaterra, em 2007. Os pesquisadores brasileiros demonstraram que quem mais influencia na dinâmica populacional dos animais de pequeno e médio portes não são as onças, como se acreditava, mas a jaguatirica, de tamanho médio. Daí o nome da teoria, “efeito pardalis”, inspirado no nome científico da jaguatirica (*Leopardus pardalis*). O coordenador

É a jaguatirica – e não a onça, como se pensava – que influencia o número de pequenos felinos numa mesma área

nador da pesquisa, Tadeu de Oliveira, explica: “Quanto maior o número de jaguatiricas num lugar, menor a quantidade de outros felinos pequenos.” Isto ocorre porque a jaguatirica representa grande ameaça às espécies menores, tem o potencial de matá-las da mesma forma como os leões chegam a matar os guepardos na África. Este tipo de predação, onde um predador mata o outro, acontece para eliminar a potencial concorrência por alimento.”

A descoberta também alerta para um fato: o gato-do-mato soma desvantagens na luta pela preservação da espécie. Raramente é encontrado na Amazônia, bioma que, pelas dimensões, daria mais condições de proteção natural ao animal para apresentar tamanhos populacionais satisfatórios. 🌱

SAIBA MAIS

Sobre o Projeto Gatos do Mato Brasil no site do Instituto Pró-Carnívoros www.procarcarnivoros.org.br
Sobre os felinos, no Guia de Campo dos Felinos do Brasil (2005), de Tadeu Gomes de Oliveira e Katia Cassaro